

CÂNCER DE PELE: o que esperar dos novos tratamentos pela luz

A MODERNA REVISTA SEMANAL DE INFORMAÇÃO

ÉPOCA

Os melhores brinquedos para as crianças

R\$ 7,90 Nº 433 4 SETEMBRO 2006 www.epoca.com.br

O que ele fez

Na campanha de 2002, as promessas de Lula passaram de 700. ÉPOCA investigou o resultado de cada uma delas

EDITORA
GOBO



ESPECIAL

■ Ação Social

Fome Zero: 0 Bolsa-Família: 10

A mais ambiciosa promessa de Lula não foi cumprida. Mas o **governo mudou tudo** e hoje colhe os dividendos eleitorais



RICARDO MENDONÇA

A maior, mais ambiciosa e mais repetida promessa de Lula não foi cumprida. Na campanha eleitoral de 2002, ele prometia acabar com a fome no Brasil em quatro anos. Afirmava nos palanques, no rádio e na TV que todo cidadão brasileiro teria acesso a três refeições por dia: café-da-manhã, almoço e jantar. Para viabilizar esse projeto nada modesto – como o próprio Lula gosta de repetir, a miséria é uma realidade secular no país –, ele prometia resgatar 50 milhões de pessoas que viviam abaixo da linha da pobreza.

Em relação a esse compromisso, há duas formas de medir o desempenho do governo. Ambas comprovam uma enorme defasagem entre o que foi prometido e o que foi realizado. A primeira é o total de pessoas resgatadas da pobreza desde a posse. A Fundação Getulio Vargas (FGV) do Rio Janeiro estimava, em 2002, haver 50 milhões de miseráveis no Brasil. Segundo a FGV, a pobreza extrema subiu 3,9% em 2003 e caiu 8% em 2004, dado mais recente. Há, portanto, 48 milhões de miseráveis no Brasil, ou 25,1% da população. Esse patamar, atingido no governo Lula, é o menor desde 1992, quando começou a série histórica. Seria uma excelente notícia para o presidente se sua promessa de 2002 não tivesse sido tão exagerada.

É verdade que nem todos os 48 milhões de pessoas abaixo da linha da miséria passam fome. As estatísticas tomam como base apenas a renda das famílias. No Brasil, muitos conseguem driblar a carência de alimentos com agricultura de subsistência, criações de fundo de quintal, doações ou auxílio de amigos e parentes. Para dirimir a dúvida, o IBGE fez em 2004 uma pesquisa inédita sobre segurança alimentar e investigou quantos passavam fome mesmo.

14
milhões de
brasileiros ainda
passavam fome
em 2004, segundo
pesquisa do IBGE

O resultado é a segunda prova de que Lula não cumpriu sua promessa. De acordo com a pesquisa, 14 milhões de brasileiros sofriam com o que o IBGE classificou de "insegurança alimentar grave". Em outras palavras, passavam fome. Isso em 2004, o ano mais próspero do governo, quando a economia cresceu 4,9% e a geração de empregos deu um salto.

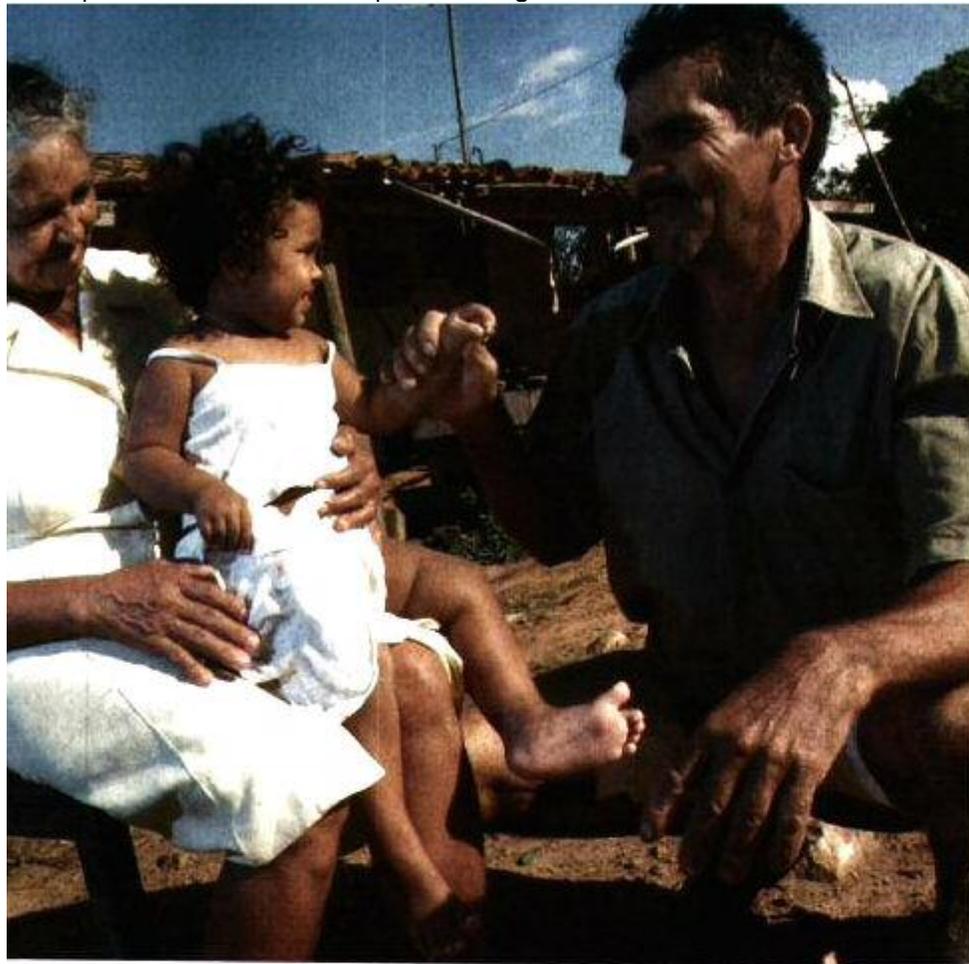
Não há dados mais recentes ou série histórica do levantamento de segurança alimentar. A próxima leva de pesquisas deverá sair em outubro. Com isso, fica difícil avaliar com precisão o que ocorreu com a miséria e a fome na segunda metade do mandato petista. Os estudiosos, porém, não acreditam que a partir de 2005 tenha ocorrido uma redução da pobreza muito maior que a observada em 2004. Mesmo considerando o recente fortalecimento dos programas sociais do governo.



Lula não garantiu o fim da fome, pois a promessa era um despropósito. Mas seu governo não pode ser classificado como um desastre na área social. Pelo contrário. Esse segmento é hoje umas das maiores vitrines da administração petista e explica boa parte da popularidade de Lula. Um exemplo de atuação madura – que, pelas circunstâncias, também é uma promessa descumprida – foi a substituição do programa Fome Zero pela estratégia de dar prioridade ao Bolsa-Família, tido como o maior programa de transferência de renda do mundo.

O governo reuniu num cadastro único quatro programas: Bolsa-Escola, Bolsa-Alimentação, Cartão Alimentação e Vale-Gás. Aumentou o valor dos benefícios e ampliou o alcance para 11,1 milhões de famílias, o triplo do que havia em 2003. Os recursos reservados para as transferências passaram de R\$ 3,4 bilhões, em 2003, para R\$ 8,3 bilhões neste ano.

A ideia original do Fome Zero, divulgada na campanha de 2002, era completamente diferente. Previa a distribuição de cupons-alimentação, bancos de alimentos, frentes de trabalho e cestas básicas emergenciais.



EM QUEM ELES VÃO VOTAR?

Maria de Lurdes, Severino Silva e sua filha, beneficiados pelo Bolsa-Família no sertão da Paraíba. O programa hoje atende 11.1 milhões de famílias

Medidas assim, com caráter exclusivamente assistencialista, sempre foram vistas com desconfiança pelos principais estudiosos da pobreza. "O governo não cumpriu a promessa de implantar aquele Fome Zero, mas teve sensibilidade de aceitar as críticas e mudar de rumo ainda em 2003, no primeiro ano do mandato", afirma o economista Marcelo Neri, coordenador das pesquisas sobre pobreza da FGV. "Em termos de qualidade, o Fome Zero era um passo atrás do que havia antes. O Bolsa-Família representou dois passos para a frente."

O ministro de Desenvolvimento Social, Patrus Ananias, tem um raciocínio parecido. Ele afirma que o Fome Zero, hoje, é uma marca usada pelo governo para designar um conjunto de ações sociais da Umap. "O governo adapta os programas sociais às necessidades", diz ele. "O Luz para Todos (programa de eletrificação rural) é um programa de inclusão que envolve mais de um ministério e está sob o chapéu do Fome Zero."

Apesar de ter uma visibilidade menor que o Bolsa-Família, o resultado mais importante do governo Lula foi a melhoria na distribuição de renda. Essa é a opinião de boa parte dos

economistas especializados no tema. O alto grau de desigualdade presente na sociedade brasileira sempre foi classificado por eles como a principal chaga da História recente do país.

De acordo com um estudo coordenado no começo dos anos 90 pelo economista Ricardo Paes de Barros, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), os índices de concentração de renda no Brasil atravessavam décadas inalterados. A partir de 2001, ainda no governo Fernando Henrique Cardoso, a situação começou a mudar. No governo Lula, com o fortalecimento dos programas de transferência de renda, esse movimento foi acelerado.

Historicamente, os 50% mais pobres ficavam com algo entre 11,5% e 12,5% da renda nacional. Hoje, estão com 14,1%. É a melhor marca desde os anos 60, quando os economistas começaram a estudar em profundidade a desigualdade social. "A redução da desigualdade esta para Lula assim como a estabilização da economia esteve para FHC", diz Neri. É essa a principal explicação para a popularidade do presidente entre os mais pobres e para seu favoritismo na disputa eleitoral.

As 6 principais promessas

NOTAS

Retirar 50 milhões de pessoas da pobreza para acabar com a fome no país

Segundo a FGV, 48 milhões de pessoas continuam abaixo da linha da miséria. Ainda que muitos recebam auxílio para alimentação, o IBGE descobriu que 14 milhões passam fome

1

Implantar o programa Fome Zero

O texto original do Fome Zero falava em cupons, banco de alimentos, cestas básicas emergenciais e frentes de trabalho. Esse projeto nunca saiu do papel

0

Instituir um programa de renda mínima associado à educação

Trata-se do Bolsa-Família, principal vitrine social de Lula. O governo juntou programas que estavam fragmentados e ampliou o alcance para 11,1 milhões de famílias

10

Melhorar a distribuição de renda no país

Essa é a melhor notícia, segundo os especialistas. O atual patamar de desigualdade, embora alto, é o melhor da série histórica

9

Promover uma ação coordenada dos programas e das políticas sociais

De maneira discreta, o governo implantou quase integralmente o Sistema Único de Assistência Social. A rede, que envolve ONGs, Estados e municípios, organiza as ações de prevenção, recolhimento, orientação e proteção. É essa engenharia que permite o funcionamento do Bolsa-Família

9

Criar um programa amplo de eletrificação rural

O programa Luz para Todos, inaugurado em 2004, não universalizou o acesso de toda a população rural à luz, mas já beneficiou 3 milhões de pessoas

9

NOTA MÉDIA

6,3